

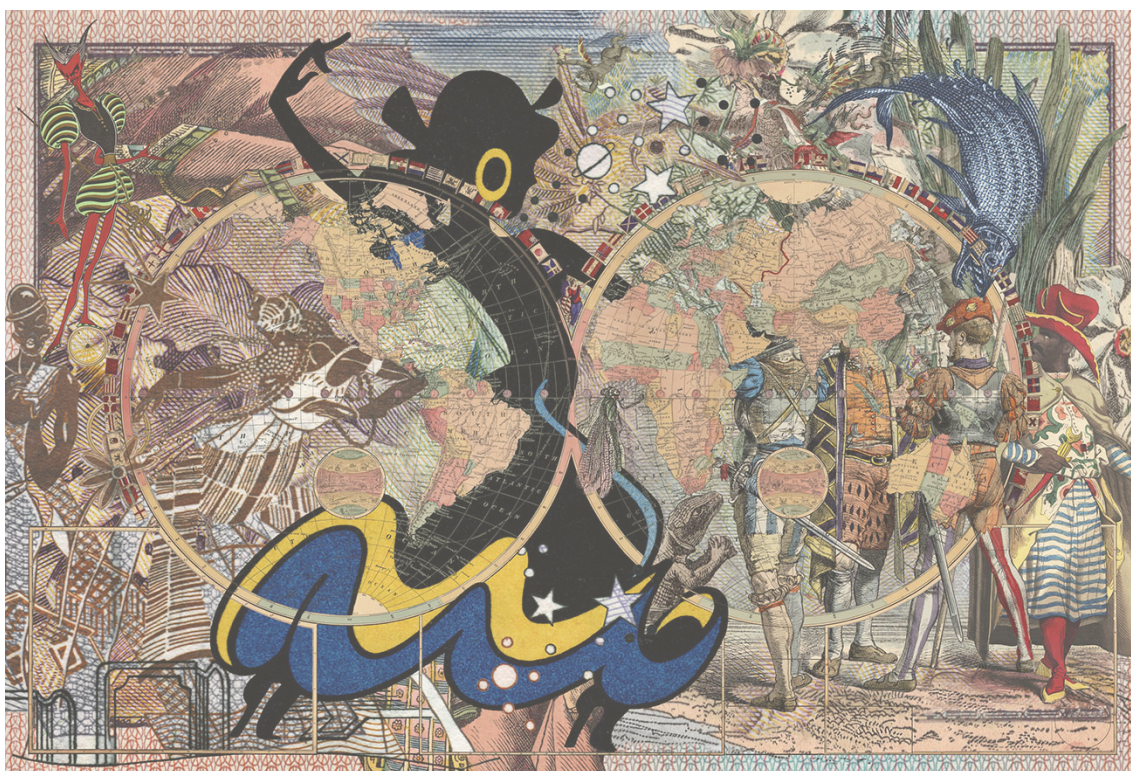
ENTREVISTA COM OS COMISSÁRIOS

António Pinto Ribeiro

Katia Kameli

Aimé Mpane

EUROPA, OXALÁ



Malala Andrialavidrazana, Figures 1883, 2019 | ©Malala-Andrialavidrazana

EUROPA, OXALÁ

ENTREVISTA COM OS COMISSÁRIOS

António Pinto Ribeiro

Katia Kameli

Aimé Mpane

Mucem (M.)

O que significa «Europa Oxalá»? Porquê este título?

António Pinto
Ribeiro (A.P.R.),
Katia Kameli
(K.K.), Aimé
Mpane (A.M.)

Demos este nome à exposição a fim de veicular a ideia de uma Europa plural, mas unida. «Europa» vem da mitologia ocidental. «Oxalá» é uma palavra portuguesa cuja origem provém da expressão árabe *Insh' Allah* («Se Deus quiser») e que possui vários sentidos, todos relacionados com o desejo de um futuro ou de um acontecimento positivo. Pela associação destas duas palavras, afirmamos a nossa vontade de reunir no seio de uma Europa comum geografias e culturas supostamente afastadas.

M.

Este projeto situa-se no campo dos estudos memoriais e pós-coloniais. De que forma a arte contemporânea pode ajudar a explorar estas noções?

A.P.R., K.K., A.M.

A arte contemporânea é determinante neste âmbito, pois na materialidade das obras de arte e das suas narrativas encontramos interrogações e dúvidas semelhantes às abordadas nestes estudos. É o caso, por exemplo, das questões ligadas à descolonização dos espíritos, ou à resistência aos modelos de dominação ainda praticados em determinados países. A arte pode lutar contra o racismo contemporâneo, mas também ajudar a reler as histórias coloniais, de modo a criar narrativas alternativas.

M.

O que une estes artistas? Há uma partilha de temáticas ou linguagens plásticas?

A.P.R., K.K., A.M.

Estes artistas são filhos ou netos das gerações que viveram o processo de descolonização. Levantam novas questões a partir de novos territórios. Questionam as histórias contadas (ou não

contadas) na Europa, os objetos herdados do passado, mas também a hegemonia da modernidade europeia e as diferentes narrativas em torno dos fantasmas coloniais. Estes artistas revisitam os arquivos familiares ou oriundos de organismos oficiais e contam essas histórias através de livros, de filmes e de obras de arte. Deste modo, voltam a desenhar a cultura europeia, quer a que foi herdada da tradição greco-romana, quer a da *Mitteleuropa*. Estes artistas tornam-se nos atores principais de uma visão transnacional das artes e desempenham um papel fundamental no cosmopolitismo europeu do século XXI.

Os seus percursos artísticos têm muita vez como ponto de partida a recusa de todos os nacionalismos artísticos, indo buscar às memórias dos pais e avós uma matéria-prima preciosa para a realização do seu trabalho. Alguns deles não têm ascendência ligada às antigas colónias, mas começaram muito cedo a trabalhar sobre estes assuntos a que chamamos, por uma questão de simplicidade de linguagem, «pós-coloniais». A matéria subjacente à sua produção artística é o resultado das suas reflexões sobre as memórias herdadas do período colonial e das independências. Estes artistas participam na produção artística internacional e contemporânea de um modo muito forte e incontornável.

Elas e eles exprimem-se de maneiras muito diferentes. A singularidade das suas origens territoriais, as disciplinas artísticas que os inspiram, as teorias através das quais explicam as suas práticas, mas também as suas diferenças, estão presentes na vasta diversidade de técnicas, de linguagens e de formas que se podem ver nesta exposição.



Mucem

